

## O envolvimento das famílias em contexto de creche e de jardim de infância: Um estudo em tempo de pandemia

BRUNA FILIPA MOUQUINHO VIDAL

bruna.fm.vidal@gmail.com

Educadora de Infância na Associação Tom da Terra, Sesimbra

ANA LUISA DE OLIVEIRA PIRES

ana.luisa.pires@ese.ips.pt

Professora Coordenadora na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal - Membro integrado do CICS.NOVA

### Resumo

O artigo apresenta alguns resultados de um estudo desenvolvido pela primeira autora no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, realizado em contexto de estágio académico, durante o tempo da pandemia. O estudo teve como foco o envolvimento das famílias em creche e jardim de infância, com a finalidade de compreender como se pode promover o envolvimento das famílias e quais as estratégias postas em prática pelas educadoras cooperantes. Baseia-se numa metodologia qualitativa, orientada pelos princípios da investigação-ação, tendo sido utilizados diferentes procedimentos de recolha de informações, tais como a observação participante, notas de campo, registo fotográfico e inquérito por questionário às educadoras. Resultante do envolvimento das famílias no contexto educativo, identificam-se múltiplos benefícios para as crianças, famílias e equipa pedagógica.

### Palavras-chave:

Educação de Infância; Família; Envolvimento das Famílias; Investigação-ação.

### Abstract

The article presents some results of a study developed within the scope of the Masters in Pre-School Education at School of Education of Politécnic Institute of Setúbal, carried out in the context of academic internship during the time of the pandemic. The study was focused on the involvement of families in nursery centers and kindergartens, in order to understand how to promote the involvement of families and what strategies are put into practice by the cooperating educators. It is based on a qualitative methodology, guided by the principles of action-research, having used different procedures for collecting information, such as participant observation, field notes, photographic records and questionnaire surveys to educators. As a result of the involvement of families in the educational context, multiple benefits are identified for children, families and the pedagogical team.

### Key concepts:

Childhood Education; Family; Family involvement; Action-Research.

## Introdução

O tema do envolvimento da família nos contextos educativos, apesar de considerado central em educação de infância, adquiriu uma relevância particular nos últimos três anos - período temporal marcado pela pandemia de Covid-19 -, tendo provocado profundas alterações nos modos de vida da sociedade contemporânea, com um impacto particular nos contextos educativos, especialmente em crianças de faixas etárias mais baixas. Segundo Gonçalves (2021), as dificuldades sentidas pelas famílias das crianças durante o confinamento foram de várias naturezas — tal como a gestão familiar e profissional, o acompanhamento educativo das crianças, a comunicação com as instituições, entre outros. Durante os estágios realizados no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, em que participou a primeira autora, foi notório que o envolvimento das famílias nas salas de creche e jardim de infância era pouco ou nenhum - devido à pandemia que o país atravessava não era permitida a presença de familiares nos contextos educativos - razão pela qual, numa conversa tida entre a estagiária e a educadora de creche, surgiu a possibilidade de trabalhar o envolvimento das famílias, considerando a transversalidade da temática e a sua pertinência no contexto de pandemia. Como se sabe,

a criança desenvolve-se mais facilmente no ambiente educativo quando existe o envolvimento da família, tendo em conta que esta relação é fundamental para o seu desenvolvimento. Quando as famílias partilham com a educadora as características/dificuldades/particularidades das suas crianças, permitem que esta adapte as suas práticas às necessidades do grupo. “O/A educador/a recolhe, ainda, informação sobre o contexto de vida das crianças e a sua ação junto das famílias e comunidade.” (Silva et al, 2016, p. 13). Desta forma, a educadora passa a conhecer melhor cada criança, através de informações detalhadas que as famílias vão partilhando. Através destas pequenas conversas informais que a educadora vai tendo com as famílias, vão-se criando as relações, facilitando a comunicação entre ambos os intervenientes, ao mesmo tempo que a família começa a ganhar confiança no trabalho efetuado pela educadora, face às características e necessidades de cada criança. A família, ao criar um elo de ligação com a educadora e a restante equipa da sala, sente-se à vontade para participar na vida escolar da criança, colaborando e envolvendo-se ativamente no contexto educativo, potenciando o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

---

No estudo realizado, pretendeu-se dar resposta à seguinte questão de investigação-ação: Como envolver as famílias em contexto de creche e jardim de infância?

Neste sentido, o artigo apresenta um breve enquadramento teórico, onde se analisa o conceito de família, a relação entre a instituição educativa e a família, o envolvimento das famílias no contexto educativo, e ainda o papel da educadora de infância. Identifica-se a metodologia e os procedimentos e de recolha de informação utilizados no estudo. Apresentam-se algumas das intervenções realizadas nos contextos de creche e jardim de infância, bem como a análise das respostas das educadoras ao inquérito por questionário, finalizando com as considerações finais.

### **1. A Família**

Homem (2002), refere que “a família constituiu a primeira instância educativa do indivíduo. É o ambiente onde este desperta para a vida como pessoa, onde interioriza valores, atitudes e papéis (...)” (p. 36). Através dela, a criança adquire valores e atitudes, desenvolvendo as suas primeiras interações, emoções, valores, relações, crenças e afetos. No mesmo sentido, Nunes (2004) menciona que “a família é a instituição primeira e permanente da vida, onde se nasce, se processa

o crescimento e se constrói um projecto de vida autónomo” (p. 32). Segundo os autores mencionados, a família fornece a base da educação das crianças, transmite os princípios e os valores, sendo que a instituição educativa se torna num complemento da família no que diz respeito à sua educação.

A família é o primeiro contexto educativo com o qual a criança contacta, tendo grande influência no seu desenvolvimento e crescimento, e um papel fundamental no processo de socialização, comportamento e sentido de identidade da criança, na medida em que “é em contexto familiar que se desenvolvem as competências para o exercício da cidadania, que se adquire um quadro de referências culturais que servirá de pauta de leitura das relações e interações sociais” (Sousa & Sarmiento, 2010, p. 148).

As relações sociais que a criança constrói, nos primeiros anos de vida, são relações afetivas que vai mantendo com a família mais próxima. Até à sua adolescência, a socialização da criança tem como influência o seu contexto familiar, tendo em conta que “a família é o primeiro espaço da vida humana e da educação” (Hoz, 1996, p. 2).

## **2. A Relação entre a Instituição Educativa e a Família**

A família e a instituição educativa são dois contextos que têm um grande significado na vida das crianças, são os ambientes em que vivem e passam a maior parte do seu tempo. Assim, torna-se essencial fomentar uma relação de confiança entre a instituição e a família, promovendo o melhor para as crianças. Segundo Marques (2001),

não restam dúvidas de que os pais são os primeiros educadores da criança e ao longo da sua escolaridade, continuam a ser os principais responsáveis pela sua educação e bem-estar. Os professores são parceiros, devem unir esforços, partilhar objetivos e reconhecer a existência de um bem comum para os alunos (p. 12).

A instituição educativa e a família têm funções complementares na vida da criança, sendo a ideia geral educar. “Os pais/famílias e o estabelecimento de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa, por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas” (Silva et al, 2016, p. 28). Contudo, é importante que se perceba que a instituição educativa não substitui a família nem a família substitui a instituição educativa. Esta tem o papel fundamental de dar continuidade às experiências familiares e sociais que a criança vai vivenciando ao longo do tempo.

De acordo com Mata e Pedro (2021), “Quando as famílias se sentem bem-vindas pela comunidade educativa e sabem qual o seu papel, geralmente estão disponíveis para participar ativamente e a sua participação faz a diferença. ‘Escolas amigas das famílias’ são um elemento central na construção de parcerias educativas” (p. 29). A comunicação entre a instituição educativa e as famílias deve ser adequada e natural, respondendo às necessidades de ambas as partes, constituindo-se como um meio privilegiado para promover o sentimento de pertença e de bem-estar das famílias.

A instituição educativa surge assim como um complemento da família, com o dever de alargar e expandir a sua educação. Todas as vivências da criança contribuem para a sua aprendizagem e desenvolvimento, desta forma, o educador deve dar continuidade às experiências familiares e sociais no contexto educativo que esta frequente. Assim, ao pensarmos em cada criança, compreendemos que ao estabelecer uma relação de confiança e segurança com a sua família, estamos a proporcionar o seu bem-estar.

## **3. O envolvimento das famílias no contexto educativo**

Brandão (1988, citado por Pereira 2008) “define envolvimento como um leque de interações entre a Escola e a Família desde a simples

participação dos encarregados de educação em reuniões mais ou menos formais, até à execução de tarefas específicas na escola, em colaboração com os professores”.

Este envolvimento torna-se bastante benéfico para a criança, no que diz respeito à sua adaptação e ao seu desenvolvimento.

Segundo Abel, Correia e Dias (2016) é “(...) fundamental que se proporcione o envolvimento das famílias nos projetos e atividades desenvolvidas com e pelas crianças, valorizando-se a pertença à família e estabelecendo-se, ao mesmo tempo, a ligação ecológica entre o Jardim-de-Infância e as famílias” (p. 75). É, por isso, importante que as famílias estejam envolvidas no processo educativo dos filhos. Para isso, são chamadas a cooperarem e a colaborarem com o educador, quando participam/promovem atividades inerentes aos projetos planeados:

A importância dos pais na educação das crianças é fundamental e reconhecida, sendo assim recomendada a proximidade entre estes e os educadores, procurando-se formas de cooperação e estratégias que a viabilizem. (Homem, 2002, p. 167).

O envolvimento das famílias no Jardim-de-Infância permitirá, ainda, entender melhor as diferenças fundamentais do pensamento e vivências das

crianças/famílias, observando-se as suas características individuais como uma qualidade ímpar” (Abel, Correia & Dias (2016, p. 75).

Assim, é essencial que o educador conheça as famílias e as crianças, as aceite e respeite conforme as suas características individuais, concebendo programas e atividades que se ajustem aos interesses de cada uma.

Para promover o envolvimento das famílias, a educadora deve encontrar estratégias que vão ao encontro dos interesses das famílias. A comunicação é um fator fundamental no que diz respeito ao envolvimento das famílias, sendo um aspeto importante na relação com a instituição. Esta deverá ser aberta, coerente e honesta para que se possa construir uma relação de confiança e respeito mútuo. A comunicação poderá ser feita de forma informal, como por exemplo nos momentos de acolhimento e de regresso às famílias, ou de forma formal, como é o caso das reuniões de pais/individuais. Porém, a comunicação deve ser diária, para que a educadora possa ouvir e ser ouvida, de maneira a trocar ideias e impressões com a família acerca da criança, tal como afirmam Hohmann e Weikart (2009), reforçando a importância de “conversar com os elementos da família de manhã, quando deixam as crianças e, mais tarde, quando as vão buscar.

Aproveitar ao máximo as oportunidades diárias que surgem nos momentos em que os elementos da família largam e pegam as crianças, para falar com eles” (p. 119).

O envolvimento das famílias é fundamental para o desenvolvimento da criança, pelo que a instituição educativa e a família deverão trabalhar em conjunto para a sua educação.

#### **4. O papel da educadora de infância**

A educadora deve permitir o desenvolvimento de relações de confiança e de prazer através da atenção, gestos, palavras e atitudes. Deve tomar decisões que permitam à criança sentir-se segura das suas escolhas, mas que ao mesmo tempo lhe possibilitem a autonomia e a autoconfiança (Portugal, 1998).

De acordo com Esteves (2005), “o educador desempenha um papel muito importante na vida das crianças. É com este que elas passam grande parte do seu tempo” (p. 11), tendo a função de torná-lo num tempo útil e de qualidade, para que possa proporcionar às crianças aprendizagens significativas e ao mesmo tempo promover o seu desenvolvimento.

A educadora tem o dever de conhecer o grupo pelo qual é responsável, uma vez que as crianças passam a maior parte do seu tempo na

instituição, sendo a melhor observadora das suas ações e atitudes. Segundo o Decreto-Lei nº241/2001, de 30 de agosto, referente ao perfil específico do educador de infância, “o educador de infância concebe e desenvolve o respectivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das actividades e projectos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas”. Assim, cabe à educadora construir o seu próprio currículo, sendo a responsável pela organização da sua prática educativa. Desta forma, torna-se a principal agente para proporcionar momentos de conhecimento e aprendizagem às crianças, de acordo com os interesses e necessidades de cada uma.

Para isso, é essencial que exista um diálogo entre a educadora e as famílias, para que estas se sintam incentivadas e motivadas a participar no projeto educativo, estabelecendo uma maior ligação de proximidade com as famílias. A relação e o trabalho com as famílias são uma dimensão fundamental na construção do currículo em Educação de Infância. O documento da Segurança Social - *Manual de Processos-Chave Creche* (2010) também reforça esta ideia, ao salientar que as famílias são consideradas como parceiros, uma vez que

As famílias participam na elaboração do projecto educativo do estabelecimento, no levantamento de necessidades de cada criança e diferentes instrumentos que regulam a actividade do estabelecimento, no plano de actividades de cada sala e no plano de actividades diário, pelo que estes reflectem tanto as similaridades como a diversidade cultural das crianças e famílias acolhidas no estabelecimento (p. 39).

Para envolver as famílias neste processo é fundamental que exista uma relação de confiança, tendo em conta que ambas contribuem para a educação da criança. Esta relação deverá ter por base a comunicação através de conversas informais ou formais, dando a possibilidade à educadora de conhecer as necessidades e expectativas de cada família, ouvindo as suas opiniões e sugestões, e ao mesmo tempo incentivando a participação de cada uma.

A educadora deverá ter um papel afetivo e promover o diálogo aberto com todas as famílias, sem esquecer que cada uma é única, procurando conhecer o seu contexto e as suas especificidades. Esta prática implica que se encontre tempo para conversar quer seja em reuniões formais ou outros momentos de natureza informal (Folque, Bettencourt, & Ricardo, 2015). Através destes momentos a educadora comunica a cada família as informações e observações que vai

fazendo ao longo do tempo e que tenham alguma relevância no desenvolvimento da criança, assim como os pais/famílias devem comunicar à educadora as informações que considerem pertinente.

## **5. Metodologia de Investigação**

O estudo desenvolvido é de natureza qualitativa, tendo em conta as características e potencialidades deste tipo de abordagem. A investigação qualitativa desenvolve-se principalmente no contexto do estudo, ou seja, no seu ambiente natural (Bogdan & Biklen, 1994). Para as suas pesquisas, os investigadores qualitativos frequentam os contextos ou locais onde ocorrem os acontecimentos, pois entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual. Os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação que se recolhe através do contacto direto. Nesta abordagem, o investigador é o instrumento principal, ou seja, é quem questiona, vive e observa (Bogdan & Biklen, 1994). O estudo realizado inspira-se na metodologia da investigação-ação, que se caracteriza por ser uma metodologia de pesquisa prática e aplicada, com vista a solucionar problemas reais e a promover a mudança ou a melhoria das práticas nos contextos estudados.

Os procedimentos de recolha de informação utilizados neste estudo,

que teve a primeira autora como simultaneamente estudante-estagiária e investigadora/interventora, foram a observação participante, as notas de campo, os registos fotográficos (Bogdan & Biklen, 1994) e os inquéritos por questionário às educadoras cooperantes (Amado, 2014), com objetivo de entender as conceções das educadoras sobre o envolvimento das famílias, tanto no contexto de creche como no de jardim de infância, perceber que estratégias podem ser utilizadas para envolver as famílias no dia-a-dia da sala, compreender quais são as vantagens de envolver as famílias no contexto educativo e perceber quais as dificuldades/constrangimentos que se colocam no trabalho feito pela educadora e como as poderá ultrapassar. A análise e interpretação da informação recolhida permitiu compreender melhor as conceções das educadoras e as suas práticas pedagógicas, para além de permitirem a reflexão sobre as intervenções desenvolvidas nos contextos de estágio. No tratamento das respostas do inquérito por questionário foi utilizada a análise de conteúdo de natureza qualitativa, com categorias construídas *a posteriori* (Amado, 2014). Estas categorias foram identificadas como: benefícios do envolvimento, momentos do processo de envolvimento, atividades postas em prática para envolver as famílias, dificuldades sentidas e

formas de as ultrapassar.

## **6. Apresentação e Interpretação das Intervenções**

### **6.1. Contexto de Creche**

A creche onde se realizou o estágio era uma instituição de natureza privada. O grupo de crianças era constituído por dezoito crianças, oito do sexo masculino e dez do sexo feminino, com idades compreendidas entre os doze e os trinta e seis meses. Treze crianças transitaram de outra sala, juntamente com a educadora e auxiliar e as restantes cinco ingressaram este ano pela primeira vez na creche. No que diz respeito aos seus contextos familiares, neste grupo todas as crianças viviam com o pai e com a mãe. Das dezoito crianças, quatorze tinham irmãos, as restantes quatro eram filhos únicos.

No contexto de creche, o acompanhamento dos momentos de acolhimento foi dificultado pela pandemia de Covid-19, que impedia as famílias de entrarem nas instituições, sendo uma auxiliar de apoio que trazia as crianças até à sala. Naqueles momentos da manhã, a observação evidenciou que era difícil para as famílias deixarem as suas crianças com uma pessoa que não pertencia à sala. Desta forma, sempre que era necessário prestar uma informação mais pessoal sobre a criança, as famílias pediam para chamar um membro da equipa



---

pedagógica, uma vez que já a conheciam e se sentiam mais à vontade para falar.

Uma das intervenções realizadas em contexto de creche teve como principal objetivo o envolvimento das famílias na vida da sala. Ao estarem impedidas de entrar nas instituições devido à pandemia, foi necessário encontrar uma estratégia para as envolver nas atividades, sem estarem presentes fisicamente. Primeiramente, foi enviado um e-mail às famílias no qual se explicava que as crianças ainda se encontravam em fase de adaptação, considerado um processo bastante relevante e delicado em creche. Para isso, era importante que as crianças sentissem o espaço da sala como um espaço seu, e que o identificassem facilmente. Foi nessa altura que se iniciou o processo de envolvimento das famílias, pedindo-lhes que enviassem para a sala um objeto vindo de casa, objeto esse que as crianças reconhecessem como seu e da sua casa, e que iria fazer parte da decoração da sala. Foram formuladas às famílias três perguntas, para facilitar a atividade posterior em sala: “Qual é o nome do objeto?”; “Por que motivo é que este objeto foi escolhido?”; “Onde é que ele estava na vossa casa?”. No dia da atividade, juntou-se o grupo de crianças, que trouxe de casa objetos muitos diversificados, tais como: almofadas, uma viola, um

jambé, uma matrioska, um teclado de computador, uma gaiola de brincar, uma cesta de fruta, uma caixa de música, uma luz de presença, entre outros objetos. À medida que se ia tirando cada objeto do carrinho, as crianças ficavam surpreendidas e conseguia-se perceber a felicidade nas suas caras, por saberem que podiam ir brincar com o que cada amigo/a tinha trazido. Simultaneamente, eram capazes de identificar se aquele objeto era o seu, dizendo “isso é meu”; “a minha almofada”; “meu” (Notas de Campo 18/10/2021). Por fim, deu-se liberdade a cada criança de escolher uma área da sala para colocar o objeto que tinha trazido, de forma a todo o grupo poder ter acesso. A M. trouxe uma almofada e a mãe tinha explicado que foi a primeira que compraram para o seu quarto. A educadora deu a ideia de colocar na área da biblioteca, visto já lá terem uma, para que quando fossem ler um livro se pudessem sentar confortavelmente na almofada.

*A “R” sabia que o objeto era algo para ficar na escola. Contudo, estava sempre a dizer “isto é da minha casa”. Ao ver os amigos partilharem os seus objetos, também partilhou ela a sua “gaiola”.*

**Bruna** – “R o que trouxeste para a nossa sala?”

**R** – “uma gaiola com um piu-piu” (e dirige-se para perto dos dossiers, onde coloca a gaiola)

Nota de Campo 18/10/2021

Quando a atividade terminou, as crianças dirigiram-se às diversas áreas da sala onde tinham colocado os objetos e foram explorá-los, a pares. Foi interessante observar este momento e perceber a forma como se apropriavam dos objetos, uma vez que já sabiam como eram utilizados e para que serviam.



Figura 1 - Apropriação dos objetos trazidos pelas crianças

Esta atividade foi bastante significativa para as crianças, uma vez que trouxeram os seus objetos e os puderam partilhar com os amigos, e também para as famílias, que se viram envolvidas no dia a dia das crianças, tornando o momento num espaço de exploração dos vários objetos para as crianças, sobretudo numa altura em que não podiam entrar dentro da instituição, devido à pandemia.

No final do dia, foi colocada na página de Facebook da sala uma pequena descrição sobre a atividade, juntamente com fotografias, para que as famílias pudessem estar a par da forma como o seu contributo tinha sido valorizado tanto pela equipa pedagógica como pelas crianças, bem como um pequeno texto de agradecimento às famílias. Apresentam-se seguidamente alguns excertos da comunicação das mães, recolhidos da página do Facebook:

**Mãe da M.P.P.** - “Podermo-nos envolver na sala dos nossos filhos é espetacular. Obrigada pela partilha feita sobre a atividade.”

**Mãe da L.** – “Que lindo deve ter sido esse momento de partilha!”

Nota de Campo 19/10/2021

As estratégias para envolvimento da família, desenvolvidas pela educadora de creche, iniciam-se ainda antes das crianças chegarem à instituição: *“Assim que me chega a notícia que tenho crianças novas no meu grupo na data “X (...) entro em contacto com a família para que nos possamos conhecer (um pouco!) antes do dia em que a criança ingressa na escola!”* (inquérito por questionário educadora A). Para a educadora, uma estratégia de envolvimento consiste em convidar as famílias a enviar fotografias da família: *“convido as famílias a enviarem fotos da família para que as crianças os tenham permanentemente acessíveis e onde podem revê-los sempre que queiram “matar saudades”* (idem). Outra estratégia desenvolvida diz respeito à partilha dos animais de estimação que as crianças têm em casa: *“desafiei as famílias a apresentarem a todas as famílias através da página de FB os seus animais de estimação e a partir dessa partilha imprimir as fotos e construí uma barra dos animais de estimação”* (idem).

Também foi referida a criação de uma Biblioteca de Pais, para a qual cada família enviou *“alguns títulos que fossem do interesse de todas as famílias e que qualquer uma delas podia requisitar via email.”* (idem).

A educadora de creche gostaria ainda de pôr em prática algumas estratégias de envolvimento, tais como: convidar as avós, tias ou mães a tricotarem um pedaço de um cachecol que seria unido entre todos e *“transformado num enorme cachecol com o objetivo de “aquecer” a creche com o calor das famílias”* (idem). Referiu também que gostaria de *“ter um calendário disponível para as famílias se inscreverem e virem cá passar um bocadinho connosco a cantar, a tocar um instrumento, a contar uma história, a preparar uma receita, etc.”* (idem).

As principais dificuldades que sente no envolvimento são receber os contributos das famílias no tempo adequado: *“Às vezes é difícil conseguir o contributo de todas no tempo ideal, mas mesmo quando chega qualquer coisa fora de tempo é utilizada para benefício da criança...”* (idem). Quando isso acontece, geralmente envia *“um lembrete ou outro via email”*. (idem).

## 6.2. Contexto de Jardim de Infância

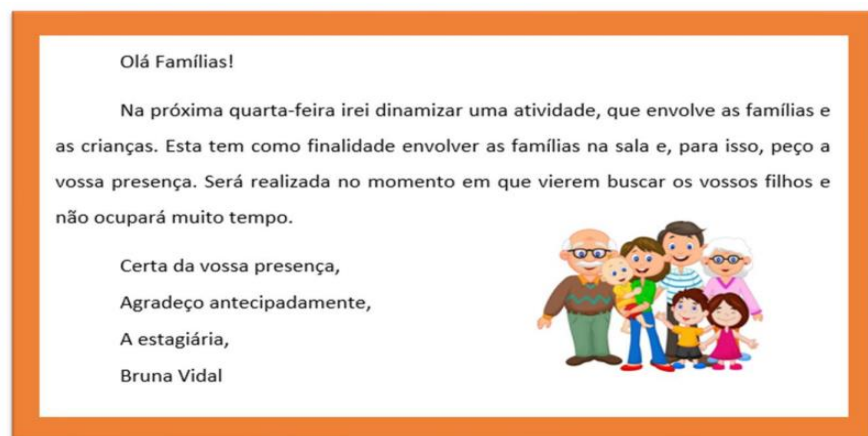
A instituição de jardim de Infância onde o estágio decorreu era uma IPSS. O grupo era constituído por vinte e três crianças, sendo dezasseis do sexo masculino e sete do sexo feminino. Era um grupo heterogéneo, com idades compreendidas entre os três e os cinco anos.

Ao nível da faixa etária, existem doze crianças com três anos, nove crianças com quatro anos e duas crianças com cinco anos. Relativamente aos contextos familiares, das vinte e três crianças da sala, quinze vivem com a mãe e com o pai (e irmãos, caso existam) e oito vivem em contexto de família monoparental. A equipa pedagógica era constituída pela educadora e por duas auxiliares de ação educativa.

Devido à pandemia, no contexto de Jardim de Infância, a educadora teve de reinventar uma forma de as famílias poderem acompanhar o progresso dos filhos. A plataforma ClassDojo, criada para partilhar fotos e vídeos das atividades de grupos e/ou individuais desenvolvidas pelas crianças, foi um exemplo. Esta plataforma permitia que as famílias estivessem em contacto com as dinâmicas desenvolvidas na sala, uma vez que iam acompanhando as atividades, projetos e vivências que estavam a decorrer durante a semana. Era uma ferramenta bastante utilizada pela educadora, possibilitando a correspondência entre a escola e a família, tendo em conta que a plataforma também permitia que a educadora conversasse com cada família individualmente ou que partilhasse informações gerais para todos. Por exemplo, a educadora fazia pedidos por escrito, às famílias,

materiais reutilizáveis para desenvolver atividades com as crianças na sala — caixas de cereais, rolos de papel higiénico, caixas de cartão, rolhas, etc. — aos quais as famílias respondiam também por escrito, na plataforma, e no dia seguinte levavam o material pedido. Através desta plataforma, era visível o envolvimento das famílias no processo educativo das suas crianças, tendo em conta que estas cooperavam e colaboravam quando a educadora solicitava a ajuda de cada uma para as atividades propostas.

À semelhança do que aconteceu na atividade realizada em creche, também esta intervenção começou com uma mensagem enviada às famílias, através da plataforma usada pela instituição: a educadora enviou uma nota informativa, redigida pela estudante-estagiária, com as indicações sobre o que era necessário as crianças trazerem naquele dia.



*Figura 2 - Nota enviada às famílias*

Uma vez que ao longo do estágio se foram conhecendo as disponibilidades das famílias, a opção tomada foi a de realizar a atividade da parte da tarde, para que todas as famílias tivessem disponibilidade para participar.

Foi decidido, pela equipa pedagógica e estudante-estagiária, que a atividade tinha que ser conjunta – família e criança – para que as crianças pudessem sentir que naquele momento a família estaria inteiramente dedicada a si. Outra intencionalidade era levar a família até à instituição educativa, para que estivesse no local e pudesse conversar um pouco com a equipa, sem a pressão de ter de ir embora, como era habitual nos momentos do dia a dia.

Porque não havia uma hora definida para a atividade – esta era feita à medida que as famílias iam buscar as crianças – o espaço foi previamente preparado, para que o momento entre a família e a criança fosse o mais tranquilo possível.

À porta da sala, do lado exterior, foram colocadas duas mesas com folhas, canetas, lápis, tintas e pinceis, para que cada criança/família tivesse a oportunidade de escolher que material queria usar. Importa referir que todas as medidas de segurança foram implementadas, tendo os familiares usado máscara durante o decorrer da atividade e desinfetado as mãos antes de utilizarem qualquer material. As mesas e cadeiras, apesar de afastadas, eram higienizadas a cada utilização. Desta forma, à medida que as famílias iam chegando e, uma vez que já tinham sido informadas sobre a atividade, era-lhes pedido que desenhassem com a criança a sua família, de acordo com as suas próprias características.



Figura 3 - Participação das Famílias na atividade

Foi referido sempre que a família poderia ser a mãe, o pai e o irmão, como também a avó/avô, a tia/tio, primos e até os próprios animais de estimação. Durante todo o momento em que as famílias e as crianças se encontravam a fazer a atividade, houve o cuidado de as acompanhar, para que não surgissem dúvidas, ao mesmo tempo que ia conversando com elas.

*Durante a atividade, as crianças demonstraram interesse, nomeadamente, quando conversavam com os familiares sobre o que estavam a desenhar.*

*O “M”, consoante ia desenhando, ia conversando com o pai, e, de repente, diz-me “Olha Bruna, esta é a minha família.”*

Nota de Campo 3/11/2021

No final, foi considerado importante devolver às famílias o seu contributo, pelo que se construiu um vídeo com imagens que englobavam a construção do desenho e o seu resultado final, que foi posteriormente partilhado com as famílias, tendo recebido feedbacks muito positivos, evidenciando que a atividade escolhida foi essencial para a comunicação entre criança-família e família-instituição educativa. Apresenta-se uma nota de campo com alguns feedbacks das famílias após o visionamento do vídeo partilhado.

*“Obrigado, Bruna!” (Família do C.)*

*“Obrigada por este miminho.” (Família da M.T.)*

*“Tenho pena de não ter conseguido dinamizar a atividade na sala, mas obrigada por ter enviado os materiais para que conseguisse fazer em casa. A L. agradece e eu também.” (Família da L.)*

*“Mais uma vez, obrigada.” (Família do M.)*

*“Agradeço pelo momento que conseguiu proporcionar. Eu e o G. gostámos muito.” (Família do G.)*

Nota de Campo 5/11/2021

De um modo geral, esta atividade correu bastante bem, uma vez que houve muito empenho por parte das famílias na sua concretização, levando a pensar que tanto a sua planificação como a sua intervenção

foram bem-sucedidas. O facto de quase todas as famílias terem comparecido foi um motivo de grande contentamento, levando a refletir sobre a importância dos momentos vividos com as famílias no contexto educativo. Esta atividade serviu, também, como base de aproximação e criou tempo de qualidade entre as famílias e as crianças, uma vez que muitas vezes, a família não consegue dar tempo à criança, devido aos horários de trabalho e tarefas domésticas, entre outros, que dificultam esse tempo de qualidade.

As estratégias para envolvimento da família, desenvolvidas pela educadora de jardim de infância, começam “no primeiro momento em que eu estou frente a frente com aquela família” (inquérito por questionário educadora B). O envolvimento das famílias no contexto educativo torna-se fundamental para as crianças, sobretudo quando estas ainda estão em fase de adaptação. A presença dos familiares torna o processo mais simples para as crianças, uma vez que vão tendo a presença de uma pessoa conhecida ao início, reforçando a ideia de Silva (2003), que considera o envolvimento como: “o apoio directo das famílias aos seus educandos. O apoio assume uma base individual e o seu objecto tem um rosto. O espaço privilegiado é a casa, embora a possa extravasar (ida a reuniões na escola, etc.)” (p.83).

Para esta educadora, uma estratégia de envolvimento consiste na participação das famílias em “*atividades comuns que às vezes acontecem no Natal, às vezes surge sempre qualquer ideia para envolver as famílias na construção de/ou enfeites para uma árvore de Natal, ou enfeites para uma decoração de Natal, a construção de uma árvore partilhada, um calendário de advento que é construído e que as famílias vão tirando, por exemplo, ideias de atividades*” (idem). Em relação às dificuldades sentidas, a educadora menciona que “*as dificuldades têm a ver, muitas vezes, com as questões da comunicação, fazer aquela família sentir que apesar de haver um pequenino problema, que eu estou lá para conversar*” (idem). Para ultrapassar essas dificuldades, tenta entender a razão: “*tento ler o que está nas entrelinhas, o que não foi dito, o que é invisível verdadeiramente aos olhos e que me vai ajudar a perceber o porquê de estarem a ser levantadas determinadas dificuldades e devagarinho, com boa educação, com bom senso, para que a família sinta verdadeiramente que eu estou disponível (...) e que consigo perceber o que ela está a sentir e que consigo contornar esta dificuldade.*” (idem).

---

## Reflexões finais / Conclusões

Para responder à pergunta de investigação-ação “Como envolver as famílias em contexto de creche e jardim de infância?”, a estudante-estagiária procurou compreender como é que este envolvimento se promove e quais os seus benefícios para as crianças. As estratégias utilizadas para envolver as famílias no contexto educativo, durante o tempo da pandemia, passaram em grande parte pelo uso das novas tecnologias de comunicação. Desta forma, as educadoras e a estudante-estagiária optaram por comunicar com as famílias via Facebook e outras plataformas digitais, como por exemplo a ClassDojo, recorrendo também vídeos, como evidenciado no estudo. Conscientes das dificuldades acrescidas em contexto de pandemia, as educadoras não deixaram de convidar as famílias a participar nas dinâmicas propostas, mesmo através de suas casas. Por outro lado, ainda foi possível desenvolver atividades com as famílias no exterior da instituição, que foram muito bem acolhidas, tanto pelas famílias como pelas crianças.

Relativamente aos benefícios do envolvimento para o desenvolvimento global da criança — uma das categorias que foi trabalhada pela análise de conteúdo — constatou-se que é essencial

que exista uma partilha diária de modo a responder, mais ajustadamente, às características e necessidades das crianças. Assim, a relação com a família deverá assentar em valores como o respeito, a confiança, a colaboração e o profissionalismo da educadora. No que diz respeito aos momentos do envolvimento, a estudante-estagiária compreendeu que o envolvimento é um processo construído logo desde o início da relação com a família, que se vai desenvolvendo gradualmente, de forma estável e equilibrada, com base na confiança e no respeito mútuo, para que as famílias entendam que a educadora está disposta a ouvi-las, ajudando na construção de parcerias, benéficas principalmente para as crianças. Porém, a educadora deve estar disposta a integrar as famílias na sua sala, pois só assim é possível existir partilha, ao mesmo tempo que as famílias ficam a par das suas práticas pedagógicas. As crianças acabam por ser as que mais beneficiam deste relacionamento positivo entre a educadora e as famílias.

Com o intuito de reforçar a relação com as famílias durante a pandemia a estudante-estagiária realizou algumas intervenções durante os estágios, que tiveram como finalidade promover o seu envolvimento e a participação nas salas de creche e jardim de infância.



Através da realização das atividades, da observação e da sua análise, foi possível compreender que o melhor contacto com as famílias era feito nos momentos de acolhimento e despedida, sendo fundamental a presença da educadora para a transmissão de confiança e segurança, tanto às crianças como às suas famílias. Todos os momentos de interação com as famílias foram aproveitados para trocar informações e partilhar vivências das crianças. Todavia, outros momentos importantes que permitiam à família um acompanhamento direto sobre a criança foram as reuniões de pais, sendo um espaço que privilegia o esclarecimento de dúvidas, a partilha de informações e a troca de sugestões entre a educadora e as famílias. Em pequenas conversas informais com as famílias, foi possível compreender que estes momentos ajudam os pais a conhecer melhor as suas crianças dentro da sala. Estes momentos foram essenciais para a criação de laços afetivos com as famílias, fundamentais para um trabalho em equipa coeso, cuja finalidade é o desenvolvimento global da criança. Assim, entende-se que a comunicação entre estes dois contextos é um fator essencial, uma vez que a criança se sente motivada ao perceber que existe um clima de comunicação entre a instituição e a família, sendo esta a melhor forma para construir uma boa relação. Durante a

realização do estágio observou-se que, ao comunicar com as famílias, a educadora passou a conhecer melhor cada criança, adequando a sua prática. Constatou-se que a comunicação deve ser constante para que a família se sinta envolvida em todo o processo e não apenas em momentos específicos, como o caso de reuniões de pais ou individuais. De acordo com Mata e Pedro (2021),

São necessários bons canais de comunicação, com uma utilização adequada, que permitam uma troca de informação (positiva, clara, objetiva) frequente, mantendo todos os intervenientes em contacto, acompanhando o processo de desenvolvimento e de aprendizagem das crianças. Esta dinâmica comunicacional, na qual, em muitos casos, a criança também está envolvida, permite ajustar expectativas, contributos e ações, facilitando a sua coerência e consistência. (p. 47).

Ao estabelecer uma relação coesa e positiva com as famílias, estas sentem confiança e segurança no trabalho que é desenvolvido pela educadora e pela sua equipa, na medida em que foi possível perceber estes sentimentos através de pequenas conversas com as famílias.

*É importante que os pais sintam que quando deixam os seus filhos com a equipa pedagógica, estão a deixá-los em segurança. Durante a reunião, os pais mencionaram que confiam tanto na escola como na equipa pedagógica e que esse sentimento é transmitido através das crianças que se veem seguras no ambiente em que estão inseridas.*

Nota de Campo 14/04/2021

Relativamente às principais dificuldades sentidas pelas educadoras no envolvimento, estas passam muitas vezes pela falta de tempo das famílias para participarem nas atividades propostas, devido aos seus empregos. A estudante-estagiária sentiu que a pandemia foi uma das razões que mais contribuiu para o afastamento das famílias, perdendo-se assim o contacto com a sala e com a equipa pedagógica. Como forma de ultrapassar esta dificuldade, foram reforçadas as estratégias de comunicação através de suportes digitais e a realização de atividades ao ar livre com as famílias.

Para concluir, ressaltamos que a educadora deverá valorizar o papel das famílias e encontrar estratégias que as envolvam no dia a dia da sala, tendo em conta que o seu papel é cada vez mais valorizado em

creche e jardim de infância. Para isso, é essencial existir uma colaboração positiva entre os dois contextos. Com a construção de relações favoráveis, a família sente-se segura para partilhar ideias e experiências, com o intuito de proporcionar à criança um crescimento e desenvolvimento saudável em parceria.

### Referências Bibliográficas

- AAVV (2016). (2010). *Manual processos-chave creche*. 2ª edição. Segurança Social. Obtido de [https://www.seg-social.pt/documents/10152/13673/gqrs\\_creche\\_processos-chave/5336ef3a-bbae-4297-a12d-de678df347](https://www.seg-social.pt/documents/10152/13673/gqrs_creche_processos-chave/5336ef3a-bbae-4297-a12d-de678df347)
- Abel, A., Correia, S., & Dias, I. (2016). A relação com a família: uma experiência em contexto de Jardim-de-Infância. *Revista investigação em educação e ciências sociais*, 1, 71-89.
- Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Esteves, S. (2005). A Afectividade e a Relação Pedagógica – Como é que nos conseguimos esquecer de algo tão fundamental como os afectos! *Cadernos de Educação de Infância*(73), pp. 11-12.
- Folque, M., Bettencourt, M., & Ricardo, M. (2015). A prática educativa na creche e o modelo pedagógico do MEM. *Revista Escola Moderna*, 13-34.

- Gonçalves, M. (2021). *O lugar do jardim de infância em tempos de pandemia*. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa: Relatório de Mestrado.
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2009). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Homem, M. L. (2002). *O Jardim de Infância e a Família. As fronteiras da cooperação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Hoz, V. (1996). *Educación Personalizada*. Madrid: Ediciones Rialp.
- Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Mata, L., & Pedro, I. (2021). *Participação e Envolvimento das Famílias - Construção de Parcerias em Contexto de Educação de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE). Obtido de [https://moodle.ips.pt/2021/pluginfile.php/280897/mod\\_resource/content/1/mioloParticipFamílias\\_FINAL\\_WEB.pdf](https://moodle.ips.pt/2021/pluginfile.php/280897/mod_resource/content/1/mioloParticipFamílias_FINAL_WEB.pdf)
- Nunes, T. (2004). *Colaboração Escola-Família para uma escola culturalmente heterogénea*. Porto: Acime Editor.
- Portugal, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creches - Uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto Editora.
- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção Geral da Educação.
- Silva, P. (2003). *Escola-Família, uma relação armadilhada. Interculturalidade e relações de poder*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sousa, M., & Sarmiento, T. (2010). *Escola - Família - Comunidade: Uma Relação para o Sucesso Educativo. Gestão e Desenvolvimento*, 141-156. Obtido de

[https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/9117/1/gestaodesenvolvimento17\\_18\\_141.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/9117/1/gestaodesenvolvimento17_18_141.pdf)

- Vidal, B. (2022). *O envolvimento das famílias no contexto de Creche e Jardim de Infância*. Mestrado em Educação Pré-Escolar, Instituto Politécnico de Setúbal: Relatório do Projeto de Investigação.

## Legislação

- Decreto-Lei nº241/2001, 30 de agosto (Perfil específico do educador de infância).

## Notas biográficas

### Bruna Filipa Mouquinho Vidal

Licenciada em Educação Básica e Mestre em Educação Pré-Escolar pela Escola Superior de Educação do Instituto politécnico de Setúbal. Atualmente é Educadora de Infância na Valência de Pré-Escolar na Associação Tom da Terra, em Sesimbra.

### Ana Luisa de Oliveira Pires

Licenciada em Psicologia (ISPA), Mestre e Doutora em Ciências da Educação (FCT-UNL) e com Pós-Doutoramento em Ciências da Educação (FPCE-UL). É Professora Coordenadora na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Leciona na Licenciatura em Educação Básica, Licenciatura em Animação Sociocultural, no Mestrado em Educação de Infância e no Mestrado em Educação, Práticas Artísticas e Inclusão, que atualmente coordena. É investigadora integrada no CICS.NOVA e no CIEF-IPS.